

HELENA CHAGAS



de Brasília

FH e o novo Planalto

• Austeridade começa em casa. Disposto a dar o exemplo, o presidente Fernando Henrique andou dizendo esta semana a auxiliares que pretende enxugar a estrutura de funcionamento do Palácio do Planalto, eliminando ou tirando o status de ministro de pelo menos quatro cargos bem situados por lá. Por ele, só dois ministros permaneceriam dentro do Planalto em seu segundo mandato — os gabinetes Civil e Militar. Será que consegue?

Atualmente, o Palácio abriga seis titulares de primeiro escalão, todos com direito a custo de ministro, carro de ministro e passagem de ministro, que na maioria das vezes é jatinho da FAB. São Clóvis Carvalho, na Casa Civil, Alberto Cardoso, na Casa Militar, Eduardo Graeff (substituindo Eduardo Jorge), na Secretaria Geral da Presidência, Ronaldo Sardenberg, na Secretaria de Assuntos Estratégicos, Sérgio Amaral, na Secretaria de Comunicação, e Freitas Neto, no Ministério das Reformas Institucionais.

Alguns têm despachos diários e contato permanente com o presidente, como Carvalho e Cardoso, dos poucos assessores que colocam a mão na maçaneta da porta do gabinete presidencial e entram sem permissão. Outros têm bons gabinetes com vista para a Praça dos Três Poderes, mas despachos ocasionais que não justificam a proximidade física. É o caso, por exemplo, de Freitas Neto, das Reformas Institucionais.

Pelo que FH andou conversando com políticos e outros interlocutores, o enxugamento da máquina palaciana não tem o objetivo de colocar ninguém na rua nem representa demérito para qualquer desses ministros. Ao contrário, o presidente tem feito até questão de dizer que está satisfeito com seu staff palaciano. A economia que será feita também não é significativa em termos financeiros. Trata-se, porém, de um gesto que pode repercutir bem no momento em que a crise exige cortes de despesas em todo o serviço público.

Na nova organização, segundo os que andaram pelo Palácio nos últimos dias, Carvalho e Cardoso são irremovíveis. O chefe da Casa Militar é alvo de elogios freqüentes do presidente e demais habitantes do Planalto. Sua última façanha, na reta final da campanha presidencial, foi entrar na linha de tiro para salvar o chefe, que tinha dito uma bobagem ao relacionar o MST ao plantio de maconha em Pernambuco. Cardoso assumiu a gafe como se fosse ele que tivesse passado essas informações a Fernando Henrique. Ganhou visto permanente em qualquer Governo FH.

Carvalho é odiado pelos políticos, aliados ou não, e até por alguns colegas de Ministério. Se há alguma coisa que une PFL, PMDB e PSDB é o desejo de ver o ministro longe e substituído por um político.

Nas últimas semanas, os líderes e presidentes de partido vêm se animando com a possibilidade de o presidente ter uma Casa Civil mais política,

ocupada por um tucano do naipe do ex-coordenador da campanha Euclides Scalco ou do deputado eleito Pimenta da Veiga, ex-presidente do PSDB.

Mas o tempo está passando e até agora FH não deu qualquer indicação disso. Scalco voltou ao Paraná e foi renomeado para a presidência de Itaipu. Pimenta vem tendo seu nome lembrado para a liderança do Governo ou do PSDB na Câmara, onde poderia exercer funções de coordenação política. E Carvalho vai ficando no posto de "segundo homem do Governo", como Fernando Henrique a ele já se referiu.

Outros palacianos já estão de malas prontas, o que facilita a tarefa. Sérgio Amaral deve trocar a Secretaria de Comunicação pela Embaixada em Londres. Seu cargo seria fatiado em dois: o sub Georges Lamazière fica como porta-voz e o ex-deputado José Abrão como secretário, cuidando da publicidade oficial, mas sem status ministerial. Trabalhariam com a secretária de imprensa, Ana Tavares.

O roteiro das mudanças prevê ainda que Ronaldo Sardenberg deixe a SAE rumo ao Ministério da Defesa, que deve ser criado logo. Por essa lógica, a Secretaria Geral da Presidência voltaria a ser o cargo administrativo e burocrático de suas origens. Eduardo Jorge deve manter a decisão de não retornar ao Planalto. Eduardo Graeff, craque nas relações com o Congresso, ficaria na assessoria parlamentar, sem cargo de ministro.

O Ministério das Reformas Institucionais, que, apesar da boa vontade do ministro Freitas Neto, até agora não disse a que veio, seria extinto.

São planos que hoje estão na cabeça de Fernando Henrique. É bom lembrar, porém, que nem sempre o presidente tem conseguido estruturar o Governo como quer. Na última reforma ministerial, a pasta da Habitação chegou a ser criada, teve titular escolhido — Sérgio Cutolo — e acabou morrendo na praia. Agora, além da estrutura palaciana mais enxuta, estão na berlinda os ministérios da Produção e da Infraestrutura, bombardeados pelo PFL e pelo PMDB antes de nascer.

O grande problema é que esse desenho de governo moderno, que reduz os cargos de primeiro escalão, não combina com as atuais circunstâncias de FH. Uma base política despedaçada pelas eleições que, às vésperas de votar o ajuste fiscal, vai jogar tudo para aumentar seus espaços no Governo. E, para satisfazer esse apetite, haja ministério.